

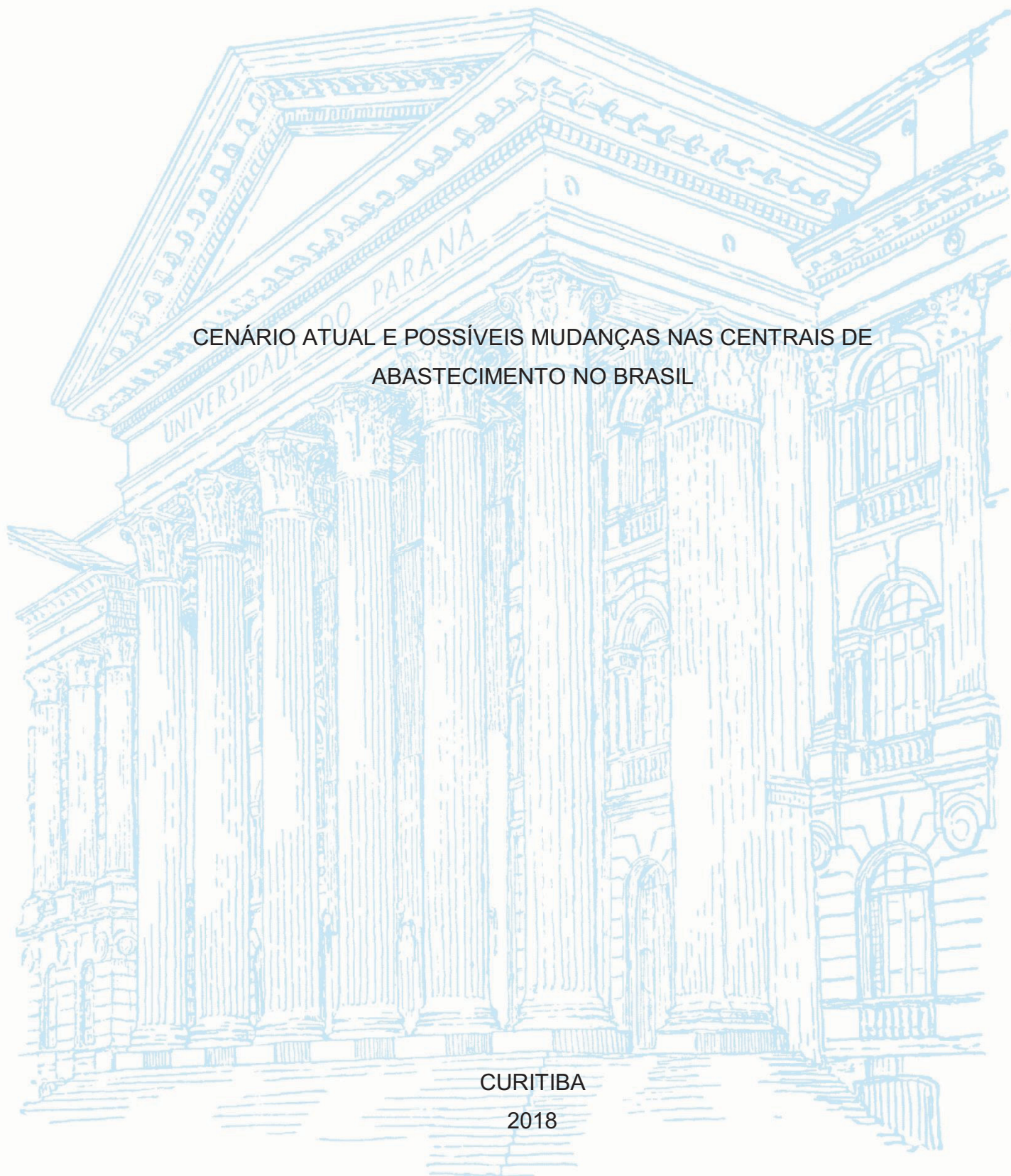
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RUDIVAL ANTONIO JACON BAPTISTELLA

CENÁRIO ATUAL E POSSÍVEIS MUDANÇAS NAS CENTRAIS DE  
ABASTECIMENTO NO BRASIL

CURITIBA

2018



RUDIVAL ANTONIO JACON BAPTISTELLA

CENÁRIO ATUAL E POSSÍVEIS MUDANÇAS NAS CENTRAIS DE  
ABASTECIMENTO NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso MBA em Gestão do Agronegócio, do Programa de Educação Continuada em Ciências Agrárias (PECCA), Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Gestão do Agronegócio.

Orientador(a): Prof(a). Dr. João Batista Padilha Junior

Co-orientador(a): Prof(a). Dr. Bruno César Gurski

CURITIBA

2018

## TERMO DE APROVAÇÃO

Dedico este trabalho a meus Avós, que trabalharam duro por anos para conquistarem as possibilidades que hoje posso disfrutar. A meu irmão que sempre me incentivou a ser melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, meus pais, a minha companheira e esposa Bruna e a meus filhos queridos que sempre me apoiaram nessa jornada e me deram forças nos momentos mais difíceis.

A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento.  
Frederick Herzberg

## RESUMO

Trabalho voltado à demonstração do atual cenário e a necessidade de modernização das centrais de abastecimento, as chamadas Ceasas e também da metodologia comercial nas mesmas, visto que seus projetos de criação, resultantes de ações governamentais foram conceituados cerca de quarenta anos atrás na década de 70. Utilizou-se a metodologia de pesquisa descritiva por meio de análise bibliográfica de livros, artigos e documentos em geral, somente observando a situação sem nela interferir. Nos dias atuais, devido ao aumento da população, a contínua e crescente demanda por produtos hortigranjeiros de qualidade, em paralelo à necessidade de maior segurança alimentar e qualidade de vida, fica demonstrado o descaso e como estão ultrapassadas as centrais, não somente por suas estruturas arcaicas e obsoletas, mas também por sua metodologia comercial, que por sua vez ainda é de informal e com índices de inadimplência altíssimos. Também um desafio às novas gestões é a diminuição do desperdício, este ocorre por falta de aperfeiçoamento das técnicas e maneiras de colheitas, beneficiamento, armazenamento, manipulação, embalagens e transporte dos produtos hortigranjeiros.

**Palavras-chave:** Centrais Atacadista, Mercados de hortifrutigranjeiros, abastecimento.

## **ABSTRACT**

Work focused on the demonstration of the current scenario and the need for modernization of the supply centers, the so-called Ceasas and also the commercial methodology in them, since their creation projects resulting from governmental actions were conceptualized about forty years ago in the 1970s. We use the Descriptive research methodology through bibliographical analysis of books, articles and documents in general, submitting observing the situation without interfering in it. Nowadays, due to population growth, the continuous and growing demand for quality horticultural products, in parallel with the need for greater food security and quality of life, neglect is demonstrated and the centers are outdated, not only because of their structures archaic and obsolete, but also by its commercial methodology which in turn is still informal and with high default rates. Also a challenge the new management is the reduction of waste, this is due to lack of improvement of techniques and ways of harvesting, processing, storage, handling, packaging and transportation of horticultural products.

**Keywords:** Central Wholesale and Manufacturing, Markets in horticultural, supply



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>15</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>6 REFERENCIAS.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Devido ao crescimento populacional e aumento dos centros urbanos no Brasil, em meados das décadas 60/70, o processo de comercialização de distribuição de produtos hortigranjeiros acabou tornando-se muito oneroso e complexo, somando-se ainda a precariedade dos mercados tradicionais, os famosos mercados municipais, surgiu a necessidade de se criar e aperfeiçoar as estruturas comerciais desses produtos, buscando eficiência e aumento da disponibilidade.

No início da década de 70, houve a criação de programas voltados ao desenvolvimento e entre as estratégias estava à criação das centrais de abastecimento, nos principais centros urbanos do Brasil, o Governo Federal, preocupado com o abastecimento de hortigranjeiros no país, criou pela Lei nº 5.727 de 04/11/1971, o primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento - PND e, pelo Decreto nº 70.502 de 11 de maio de 1972, regulamentou o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento – SINAC, delegando à Companhia Brasileira de Abastecimento – COBAL (antecessora da CONAB) a gestão do sistema. A partir disso, o governo federal passou a implantar as Centrais de Abastecimento (CEASAS). As centrais eram destinadas à comercialização de produtos hortigranjeiros, pescados e também uma série de produtos perecíveis em todas as capitais brasileiras e nas ditas capitais regionais que seriam as principais cidades no interior dos estados.

A partir de 1990, algumas das Ceasas deixaram de ter sua gestão feita pelo governo federal sendo então estadualizadas, em que o governo estadual estaria assumindo o controle das centrais, as atividades das Ceasas passaram a ser reguladas pela Lei de Licitações (Lei nº 8.666/93), um avanço institucional expressivo, mas cujo caráter geral não contempla as especificidades das concessões (ou permissões de uso) próprias do comércio atacadista, constituindo um novo freio institucional para expansão da atividade.

Isso fez com que fossem feitas alterações no estatuto social das empresas para que tivessem autonomia comercial. Então, as unidades atacadistas passaram a concentrar a comercialização de hortaliças, frutas, ovos, entre outros produtos, fazendo um intercâmbio comercial entre os estados e incentivando a produção de produtos hortigranjeiros nas regiões metropolitanas das capitais brasileiras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Vários textos trazem conteúdo sobre os motivos da criação das centrais de abastecimento, como afirma Cunha (2013, p.2), a criação deste sistema remonta à década de 70, concebido em uma perspectiva sistêmica, com a constituição do Sistema Nacional de Abastecimento – SINAC. Baseado no modelo espanhol (Mercasa).

Atualmente, o conjunto de Ceasas associados à ABRACEN, Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento, conta com mais de 60 entrepostos em 21 estados brasileiros, comercializando uma quantidade estimada em 18.156.112 toneladas de FLV anuais segundo o próprio site da instituição, [www.ceasa.gov.br](http://www.ceasa.gov.br), cifra expressivamente superior à verificada em países como França e Espanha.

Somente nos entrepostos do estado de São Paulo, em 2017 foram comercializadas 4.178.336 toneladas de hortifrutícolas, flores e pescados na Rede de Entrepostos da CEAGESP representando um crescimento de 4,2% no volume ofertado em relação a 2016, cujo resultado apresentou-se pouco acima da média dos últimos 5 anos segundo o mesmo site.

Podemos, até mesmo com base nas pesquisas, saber por certo quando ocorreram e de que maneira foram instituídas as centrais de abastecimento, conforme Barreto Junior (2004, p.20), a compreensão dos objetivos de uma Central de Abastecimento transmite a ideia de um equipamento infraestrutural destinado à racionalização de importante elo da cadeia produtiva de alimentos, representado pela comercialização final da produção agrícola.

Demonstrado por Campos (2006, p.2), boa parte das Ceasas brasileiras passou a apresentar uma série de deficiências estruturais, técnicas e operacionais. Tais deficiências implicaram, em maior ou menor grau, na obsolescência das estruturas físicas de comercialização e apoio, bem como na precarização dos métodos de gestão empresarial e dos serviços de informação e assistência técnica aos produtores, vendedores e consumidores.

Em sua grande maioria, as Ceasas foram projetadas para a realidade da época de sua criação, ou seja, nos anos 70, com suas localizações até certo ponto afastada dos centros comerciais urbanos.

Como podemos observar o crescimento populacional no Brasil apresentou um notável e crescente aumento, sendo que segundo os dados apresentados pelo site a população Brasileira era em 1977 de 113.776.467 brasileiros, já em 2017 a população totalizou 211.243.220 pessoas. ([www.populationpyramid.net](http://www.populationpyramid.net)). Podemos através dessas informações observa-se um crescimento de quase 100 milhões de pessoas, um número bem expressivo e que aumenta quase o dobro de pessoas em 40 anos.

Devido ao avanço tecnológico, a crescente demanda por produtos hortigranjeiros e o crescimento desordenado das cidades, as unidades ficaram próximas às periferias, o que de certa maneira ainda é útil, pois uma parcela da população é utilizada como mão de obra, porém, trazendo transtornos para as centrais, pois a população mais necessitada dessas comunidades ao redor adentram nas Ceasas, dificultando assim o controle de acesso e também aumentando o índice de pequenos furtos que ocorrem no momento das entregas.

O dimensionamento das atuais Ceasas está obsoleto, diante dos atuais veículos de carga, pois quando foram projetadas, os caminhões eram de dois e de três eixos (caminhões troco e trucks). No entanto, atualmente há grandes maquinários e reboques que chegam a levar cerca de 30 toneladas de uma única vez. Devido suas dimensões maiores, surge a dificuldade de mobilidade dentro das unidades, além da falta de pátio de estacionamento de clientes diferenciada da área de descarga.

As áreas destinadas à comercialização dos produtos são expostas de duas maneiras, sobre os caminhões e nos boxes. Quase que em sua totalidade as Ceasas têm uma área destinada a produtores regionais que vendem seus produtos ainda sobre os caminhões, mas também existem os boxes que são destinados aos atacadistas.

Muitos espaços de áreas ditas nobres de comercialização, vem sendo usadas para o beneficiamento de produtos ou até mesmo câmaras frigoríficas para armazenamento de estoque ou amadurecimento de frutas.

Atualmente, existem problemas a serem resolvidos no que se diz respeito às áreas ocupadas pelas empresas, que podem ser regulamentadas via licitação, porém esta regularização vem sendo repelida por parte dos comerciantes, diante do custo financeiro.

Hoje há diversas maneiras de colocar os produtos hortigranjeiros a disposição, dentre elas as caixas madeira, caixas plásticas, caixas de papelão, sacos, estes que podem ser de diversos tamanhos, a grande importância das embalagens na proteção, movimentação, identificação e exposição de produtos é aceita por todos sem restrição que trabalham com alimentos industrializados.

É estranho que a mesma percepção não se estenda aos agentes de produção e de comercialização de frutas e hortaliças frescas, alimentos com alto teor de água, metabolismo intenso na pós-colheita, muito sensíveis a danos mecânicos e muito perecíveis, segundo Rita de Fátima Alves Luengo (Manual operacional das Ceasas do Brasil , 2011 p 69.)

“A padronização de produtos e de embalagens passa a ser cada vez mais importante para a comercialização (...).”

Os produtos são comercializados em caixas plásticas com o peso médio de 20 kg, que pode variar de acordo com a disposição da mercadoria a ser comercializada. Alguns produtos como as folhagens e os tubérculos são comercializados em caixas de madeira com peso médio de 10 kg.

Pode-se encontrar, dependendo do produto, até três tipos de embalagens como, por exemplo, os citros. As comercializações em caixas de madeira são as mais tradicionais, e de certo modo as mais obsoletas, visto os impactos gerados na esfera ambiental, pois há o uso de recursos naturais para a confecção das mesmas, além de serem consideradas como fonte de inóculo, sendo que estas só podem ser descartáveis. No entanto, na prática ela é retornável, sendo usada mais de uma vez, o que pode causar contaminações. Assim seu destino final como resíduo fica incerto, sendo este de volume considerável, a questão ambiental é talvez a maior fragilidade das Ceasas brasileiras. (Plano de Modernização das Centrais de Abastecimento. 2012).

Os grandes entrepostos brasileiros, em dissonância com seus similares de países desenvolvidos, ainda não incorporam um padrão consistente de gestão ambiental e de recursos não-renováveis eficientes e voltados para a redução de desperdício e utilização racional de recursos, não obstante serem comuns iniciativas pontuais e alguns exemplos bem sucedidos. A gestão de resíduos orgânicos e não-orgânicos é o ponto crítico operacional desse sistema, que poderia ser o difusor de novos padrões para os núcleos urbanos. (CUNHA, 2006. p44)

Apesar do alto custo para a aquisição e implementação, as caixas vêm se demonstrando como sendo a alternativa mais utilizada para o setor, uma vez que podem ser retornáveis. Podem ser lavadas e desinfetadas, podendo ser utilizadas mais de uma vez, facilitando a uniformização dos pesos para os mais diversos produtos, pois podem ser de vários tamanhos e formas se adaptando à necessidade do produto. Estas podem ser de diversos materiais como madeira, papelão, plástica, sendo um dos grandes desafios para a comercialização, pois dependendo do produto, as caixas não têm dimensão para acomodar os volumes que são comercializados, ficando de certo modo restritas a mercadorias que têm seus pesos médios mais baixos.

Outro problema encontrado na utilização desta forma de acondicionamento (caixas) é o custo, que por sua vez fica difícil de ser agregado ao valor do produto, encarecendo-o de certa maneira, que não se torna possível a dissolução deste valor na mercadoria.

Encontramos diversos produtos que são comercializados em sacos, este tipo de embalagem vem sendo utilizada desde os primórdios até os dias de hoje. Estes tipos de embalagens acabam por danificar os produtos em todos os processos desde o carregamento, transporte e descarga para a disposição à venda, uma vez que os produtos não têm proteção e são danificados fisicamente, perdendo qualidade e valor.

Após a comercialização, os produtos são enviados aos compradores em sua maioria em carrinho de tração humana adaptado. Estes trabalhadores chegam a carregar mais de meia tonelada, correndo riscos diários com a possibilidade de acidentes durante o processo de entrega, não somente pelo fato de levarem cargas extremamente pesadas, mas também correm risco de colisão com outros carrinhos e também com os veículos que trafegam dentro das unidades.

Esse conceito misto foi criado levando-se em consideração que a transição para as áreas com ou sem plataformas fosse realizada com carrinhos de madeira a tração humana. Novos pavilhões e novas Ceasas foram construídos e a mistura dessas áreas sempre prevaleceu. Esses carrinhos que transportam carga nas Ceasas são também chamados de “burrinho sem rabo” e são datados do século XIX. (Ferreira, Manual operacional das Ceasas do Brasil , 2011 . p87)

Os projetos das primeiras centrais de abastecimento, na década de 70, basearam-se no conceito de carga e descarga de caminhões em pavilhões com plataformas nas áreas permanentes e sem plataformas nas áreas não permanentes, onde os produtores ficam lado a lado.

Esta situação está em desacordo com as leis trabalhistas e a qualidade de trabalho, diante do esforço físico excessivo praticado na atividade e dos riscos que correm os operários. O processo que poderia substituir esse fator limitador seria a paletização. A função do palete é a otimização do transporte de cargas, que é conseguido através da empilhadeira e a paleteira (Ferreira, p88).

Na atual situação em que se encontram as centrais de abastecimento, torna-se praticamente impossível o trabalho de entrega mecanizado, visto o desnível e a falta de manutenção das ruas ou rampas de acesso, pois a movimentação com esse tipo de mecanismo exige um terreno plano e sem imperfeições.

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

Utilizou-se de pesquisa descritiva por meio de análise bibliográfica de livros, artigos e documentos em geral, A pesquisa pode ser caracterizada quanto ao ambiente de análise como uma pesquisa de campo, pois os dados foram coletados no próprio ambiente, a pesquisa de campo apresenta-se como uma investigação empírica realizada no local tratado no trabalho, para coletar dados e analisá-los posteriormente, utilizando-se de métodos e instrumentos específicos tanto para a coleta, quanto para análise, foram integradas abordagens qualitativa e quantitativa para analisar os dados referentes às centrais de abastecimento.

Esperamos com o trabalho, ora apresentado, demonstrar a importância das centrais de abastecimento para as estratégias dos governos central, estaduais e municipais para a garantia dos direitos fundamentais de nossa população à alimentação em quantidade e qualidade, além de fomentar a agricultura nacional, especialmente aos produtores de produtos hortigranjeiros, em sua ampla maioria caracterizados por serem de pequeno porte e necessitados de apoio para o escoamento de suas safras.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se inúmeras possibilidades de mudanças nas unidades atacadistas que viriam a gerar melhorias, visto que ao longo do tempo, a natureza dos serviços a serem prestados pelas CEASAS deveriam conduzir ao uso adequado dos fatores econômicos envolvidos e adoção de modernas tecnologias nas atividades de produção e distribuição de alimentos, principalmente em se tratando de produtos in natura, representados pelos frutihortícolas (BARRETO JUNIOR, 2004, p.6) Os resultados e as discussões dos dados foram apresentados a seguir, baseando-se nos objetivos específicos, propostos no início do trabalho.

Dentre as mudanças, pode-se citar as questões estruturais, que possuem um layout ultrapassado, como também nas embalagens e no que tange à movimentação de mercadorias e entrega de produtos. Também há falta de profissionalismo e conhecimento econômico por parte dos próprios usuários, comerciantes e clientes das unidades, que são um dos entraves mais difíceis de serem superados.

Três mudanças institucionais relevantes alteram o cenário das Ceasas nos anos 2000. O primeiro é a ênfase na agricultura familiar, a partir do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que contou com recursos crescentes voltados para a inserção no mercado de produtores familiares. O segundo foi o conjunto de programas e ações gestados sob a égide do Programa Fome Zero, principalmente nos anos 2003–2004, que fortaleceu a aproximação das Ceasas com iniciativas de *food security*, como bancos de alimentos e iniciativas para reduzir o desperdício. O terceiro marco foi à promulgação do programa federal, coordenado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), de revitalização das Ceasas brasileiras – o Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort), a partir da recomposição de um sistema, não mais amarrado por uma participação acionária, mas como uma iniciativa voluntária de adesão voltada para a integração das bases de dados, da troca de informações e da criação de mecanismos comuns de capacitação tecnológica. Não obstante esse processo, as duas maiores centrais brasileiras continuam, ainda sob processos de privatização, gerando incertezas sobre o futuro do setor. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, por meio da Portaria n ° 171 de 24 de março de 2005, que instituiu o PROHORT – Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro, no âmbito da Conab, tendo como objetivos estimular e coordenar a

captação de dados relativos ao processo de comercialização dos mercados atacadistas de hortigranjeiros e a integração dos seus respectivos bancos de dados, universalizando as informações; favorecer melhorias nos processos de gestão técnico-operacional e administrativa dos mercados atacadistas; agregar inteligência e conhecimentos tecnológicos gerados pelo desenvolvimento do setor, em âmbito nacional e internacional, para transferência à cadeia produtiva, orientados às necessidades e exigências de mercado; prestar assessorias e consultorias em infraestrutura física, tecnológica e ambiental aos mercados atacadistas, resguardada a existência de suporte requerido e estimular a interação do setor com as universidades, órgãos de pesquisa e fomento, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais e às políticas públicas de abastecimento e de segurança alimentar e nutricional. (Ceasa.gov.br)

Frise-se que todos os problemas aparentemente têm soluções, porém muitas das vezes são relacionados ao fator financeiro. Com o aumento das tecnologias e os mercados cada vez mais competitivos, ficar parado no tempo impossibilita o alcance de bons resultados ou até mesmo de resultados satisfatórios comercialmente. O mercado pede por inovações e melhorias de toda a cadeia produtiva de hortifrutigranjeiros.

De qualquer forma, a implantação das CEASAS ensejou a expansão da produção e, o que é mais importante, fixou o homem no campo, principalmente o pequeno produtor, visto que os hortifrutícolas são predominantemente cultivados em pequenas propriedades. Além disso, essas culturas têm atingido elevada produtividade e, portanto, em condições favoráveis de comercialização, proporcionam renda líquida superior a outros tipos de cultivos temporários (BARRETO JUNIOR, 2004, p.8).

Os métodos de colheita, processamento, beneficiamento e comercialização estão praticamente enraizados junto com as origens destes mercados, o que dificulta a modernização por motivos culturais, na produção, financiamento para a melhoria da infraestrutura de colheita, classificação, embalagens, armazenamento e transporte; capacitação dos produtores, seus funcionários, seus transportadores, incentivo à criação de barracões de classificação geridos por grupos de produtores ou terceiros. (GUTIERREZ, 2016)

Obviamente, se apresentado de maneira bem didática e com uma proposta bem formulada, obtenha-se êxito nas ações relativas às mudanças de uma maneira

geral, mas se observarmos a decadência dos resultados dos mercados atacadistas de hortigranjeiros, ao mesmo tempo que as empresas estão sendo forçadas a desenvolver estratégias para projetar produtos para um mercado global e maximizar recursos das empresas ao produzi-los, verifica-se o crescente aumento da competitividade, a implantação de uma política de mudanças gradativas impedirá que os pequenos na produção, no atacado, no varejo e no serviço de alimentação, sejam atropelados pelas mudança que acontecerão e nos atropelarão, independentes da nossa vontade e preparação, (GUTIERREZ, 2016) sendo portanto necessário um moderno sistema de acompanhamento e gerenciamento de custos, que através de relatórios consistentes possibilitem aos administradores a tomada de decisões estratégicas, visando a contínua redução de custos.

Pode-se observar a negativa das partes, que em um primeiro momento poderiam repercutir de maneira negativa, mas com o passar do tempo ficaria claro que houve a melhora.

Existem atualmente e inclusive em andamento, projetos para a construção de novas centrais de abastecimento mais modernas e com tecnologias atuais de logística interna, onde foram criados diferentes espaços, segregando as atividades de descarregamento de mercadorias para a comercialização das áreas de carregamento de mercadorias adquiridas. Um projeto, chamado de “novo entreposto de São Paulo”, prevê construir o complexo perto da Rodovia dos Bandeirantes, no Perus, Zona Norte de São Paulo. O consórcio é formado por um grupo de permissionários da atual Ceagesp e promete espaço exclusivo para a venda de pequenos produtores ao consumidor, além de um centro de pesquisas de hortifrúti. (Biazzi, 2017).

Projetos que têm como tópico, a geografia de terreno, sendo mais planas, a fim de possibilitar que as movimentações de mercadorias sejam feitas de maneira mecânica e uniforme via paletização e empilhadeiras, levando mais agilidade, qualidade e segurança aos serviços de entregas, aumentado desse modo à rotatividade nas vagas, esticando os horários de comercialização das unidades, possibilitando aumento no fluxo de clientes, e em decorrência disso ocorreria uma melhora na esfera comercial.

O grande desafio para as Ceasas é oferecer serviços que sejam eficientes e eficazes, e que sejam capazes de atender demandas operacionais em larga escala, e ainda prover os serviços necessários para acompanhar o ritmo de expansão dos negócios privados que regula (CUNHA, 2006, p.41)

Os mercados que não serão transferidos, também vêm passando por reformas e melhorias de estrutura, como exemplo podemos citar a proposta, que não chegou a ser apresentada ainda ao governo do Estado, mas que é defendida por seis sindicatos que atuam na Ceagesp. Eles pretendem fazer a modernização do local e manter o entreposto no mesmo lugar onde está hoje, o grupo acha que é possível revitalizar a Ceagesp por um preço bem menor que construir uma nova. Nesse sentido, a criação de docas específicas para o carregamento, áreas de estacionamento para os compradores e para veículos, mercados voltados a nichos específicos, como a criação de mercado de flores, orgânicos, cadastro de pessoas para maior controle de acesso e maior segurança.

Medidas voltadas a atender as necessidades como padronização de caixas e uniformidade dos pesos vem sendo tomadas em diversas unidades distribuídas pelo Brasil, como a implantação do Centro Logístico de Caixas responsável pela administração do retorno e da higienização das caixas vazias retornáveis e pelo recolhimento e encaminhamento para a reciclagem das embalagens descartáveis, exigência de obediência à lei da rotulagem e adoção de um código comercial e arbitragem independente, que garanta maior transparência, menor fragilidade comercial e preços mais justos, as descartáveis podem ser de diversos materiais em sua maioria de papelão.

Diante das exigências legais (Lei nº 8.666/93), no que diz respeito ao uso de áreas públicas, pode-se observar dificuldades na obtenção de êxito, sendo obtido somente via licitação, de modo a regularizar não somente o uso, como também, a utilização de área de comercialização para fins de câmaras frigoríficas para estocagem e áreas de beneficiamento e limpeza de produtos, sendo criadas áreas denominadas de áreas de desdobramento, com os custos das instalações mais viáveis que as áreas de comercialização pois como descreve Ivens Roberto de Araújo Mourão “O país continua a precisar da assessoria técnica em abastecimento alimentar, principalmente na construção de novos mercados atacadistas e varejistas, bem como a melhoria e modernização de velhos mercados”.(Manual operacional das Ceasas do Brasil , 2011, p9)

Frente a todos os apontamentos supracitados, as mudanças a fim de satisfazer as necessidades atuais dos mercados atacadistas são de certo modo fáceis de apontar, porém, diante do atual cenário econômico nacional, buscam-se

alternativas de baixo custo. No entanto, as entidades públicas dependem de decisões políticas e nem sempre comungam com os anseios da população, dos permissionários ou até mesmo dos gestores das centrais.

A falta de investimento público no setor, a má gestão e a morosidade burocrática podem ser descritas como sendo os grandes causadores desta situação, ficando deste modo demonstrados os descasos que vêm sendo cometidos com o abastecimento urbano, e em paralelo com os agricultores e produtores rurais, que dedicam suas vidas à produção de alimentos e são por vezes explorados pelas grandes redes de supermercados, devido à falta de regularização neste seguimento do agronegócio.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à grande competitividade que existe hoje, devemos procurar ferramentas que auxiliem no dia-a-dia dentro do ambiente organizacional das centrais de abastecimento. Como o consumo de hortifrutigranjeiros vem crescendo, entender como os produtos são produzidos, tratados, colhidos, transportados, descarregados, comercializados e com que qualidade chegam ao consumidor é extremamente importante.

Este estudo demonstrou o cenário atual das centrais de abastecimento e suas peculiaridades no Brasil. Neste sentido, ainda estamos dando os primeiros passos, mas é certo que as transformações são necessárias, diante das necessidades existentes a nível global, que atingiram tanto as centrais de abastecimento brasileiras, quanto os mercados atacadistas internacionais, fazendo com que as mudanças fossem iniciadas.

Não somente no que diz respeito à logística, tanto interna quanto externa, mas também no sentido da segurança alimentar, com ações de certificações, rastreabilidade e padronizações de embalagens, fazendo assim das necessidades, opções de melhorias estruturais e comerciais, obtendo-se melhores resultados nos mais diversos setores envolvidos.

Projeções da FAO para 2050 estimam que o Mundo contará com uma população de 9 bilhões de pessoas. Tal documento afirma ainda que a demanda por alimentos no mundo crescerá 20%, pela combinação da expansão populacional e da renda per capita nos países emergentes e relaciona quais os países ampliarão a sua produção de alimentos para suprir esse crescimento. A União Européia aumentará a sua produção em 4%; a América do Norte em até 15%; Rússia, China, Índia e Ucrânia em 25% e o agronegócio do Brasil deverá expandir a sua produção nos próximos dez anos em 40%. (Da Silva, 2012 p.10)

Os mercados atacadistas são de grande importância no agronegócio, devendo-se, mais do que nunca, nos prepararmos, munidos de visão crítica, no sentido de sempre melhorar os processos que envolvem as centrais de abastecimento brasileiras, buscando soluções modernas e de baixo custo, viabilizando as transformações necessárias para um melhor funcionamento das Ceasas, e deste modo, profissionalizar ainda mais este setor.

## REFERÊNCIAS

DOSSA, Derli. **Mercado de hortifrúti da CEASA do Paraná** – CEASA-PR, 2018.

CEASA – Centrais de Abastecimento do Paraná S/A. **Institucional – Histórico**.

Disponível em:

< <http://www.ceasa.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em 17 mai. 2018.

BARRETO JUNIOR, Diomedes. Análise crítica do desempenho das centrais de abastecimento — CEASAS. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, v. 1, p. 20-26, 2004. Disponível em: <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/apca/article/download/40/36>>. Acesso em 28 jun. 2018.

CUNHA, A.; ANDRADE, A.R. Dimensões estratégicas e dilemas das Centrais de Abastecimento no Brasil. **Revista de Política Agrícola**, v. XV, n. 4, p. 37-46, 2006.

CUNHA, A.; ANDRADE, A.R; CAMPOS, J.B. **O sistema de abastecimento atacadista no Brasil: uma rede complexa de logística**. Minas Gerais: Abracen, 2013. Disponível em:<<http://abracen.org.br/wp-content/uploads/2013/10/ceasa.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2018.

GUTIERREZ, Anita de Souza Dias, CEAGESP 2016 – **Centro de Qualidade em Horticultura** Disponível em: <<http://www.abcsem.com.br/noticias/896/as-embalagens-de-frutas-e-hortalicas-frescas-na-ceagesp->>. Acesso em 21 jul. 2018.

LUENGO, R. F. A.; CALBO, A. G. **Embalagens para Comercialização de Hortalças e Frutas no Brasil**. Embrapa Hortalças, Brasília, 2009.

BIAZZI, Renato; **Governo analisa projetos para construção ou reforma do novo CEAGESP**. Disponível em: <[HTTPS://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/governo-analisa-projetos-para-construcao-ou-reforma-do-novo-ceagesp.ghtml](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/governo-analisa-projetos-para-construcao-ou-reforma-do-novo-ceagesp.ghtml)>. Acesso em 12 out. 2018.

DA SILVA, Ana Paula Domingos **O crédito rural e a situação do programa de agricultura de baixo carbono no agronegócio brasileiro**. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/39456/R%20-%20E%20-%20ANA%20PAULA%20DOMINGOS%20DA%20SILVA.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 19 nov. 2018.

**Relatório de Comercialização Anual com percentual de participação por Entrepósitos.**

<[http://www3.ceasa.gov.br/siscomweb/?page=reports.relatorio\\_participacao\\_comercializacao\\_anual&retTO=consulta\\_relatorio\\_participacao\\_comercializacao\\_anual](http://www3.ceasa.gov.br/siscomweb/?page=reports.relatorio_participacao_comercializacao_anual&retTO=consulta_relatorio_participacao_comercializacao_anual)>. Acesso em 06 dez. 2018.

**Relatório de gestão 2017.**

<<http://www.ceagesp.gov.br/wpcontent/uploads/2015/05/RELAT%C3%93RIO-DE-GEST%C3%83O-20171.pdf>> Acesso em 06 dez. 2018.

**CEASA.** <<http://www.ceasa.gov.br/index.php?pag=10>> Acesso em 06 dez. 2018.

ABRACEN, **MANUAL OPERACIONAL DAS CEASAS DO BRASIL**. 2011 Belo Horizonte . AD2 Editora.